



Revista Pax Domini é licenciada sob
uma Licença Creative Commons.

Aproximações cosmogônicas: um estudo comparativo entre as narrativas da criação nas tradições judaico-cristã e tukano

RIBEIRO, Reyth da Cunha¹

COSTA JÚNIOR, Belmiro Medeiros da²

RESUMO

Este trabalho se propõe fazer aproximações de duas narrativas míticas sobre a origem e a ordem do universo. Trata-se do relato Judaico-Cristão, uma cosmovisão de origem hebraica presente no texto bíblico, e a outra, uma expressão cultural do povo Tukano do Alto Rio Negro (AM). Tais relatos míticos têm muito a dizer sobre esses povos, e mesmo diante do distanciamento que existe entre as duas cosmovisões, existem pontos comuns que este artigo pretende elucidar. Enquanto um provém de um texto sagrado entendido como revelado para o povo Judaico-Cristão, registrado no livro de Gênesis, uma produção cultural do oriente médio, o outro relato provém da tradição oral, o qual vem sendo registrado por estudiosos que esclarecem que a narrativa mítica Tukana explica como o mundo se tornou seguro para o aparecimento dos verdadeiros seres humanos. Por fim, mesmo sendo histórias que revelam um largo distanciamento cultural e principalmente temporal, ainda assim, se encontram para um diálogo sobre seus pontos comuns.

Palavras-chave: Cosmogonia; Judaico-cristão; Mito; Tukano.

ABSTRACT

This paper proposes two approaches to mythic narratives about the origin and order of the universe. It is the Judeo-Christian story, a worldview present in the biblical text Hebrew origin, and the other, a cultural expression of the Tukano people of the Alto Rio Negro (AM). These mythical stories have much to say about these people, and even before the gap that exists between the two worldviews, there are commonalities that this article seeks to elucidate. While one comes from a sacred text understood as revealed to the Judeo-Christian people, recorded in the book of Genesis, a cultural production of the Middle East, another story comes from the oral tradition, which has been recorded by scholars who clarify the narrative mythical Tukana explains how the world has become safer for the emergence of true human beings. Finally, even though stories that reveal a wide cultural gap and mainly temporal still meet for a dialogue on their common points.

Keywords: Cosmology; Judeo-Christian; myth; Tukano.

¹Mestre em Teologia pela Faculdades EST (Escola Superior de Teologia); Especialista em Magistério do Ensino Superior pela Faculdade Boas Novas e Bacharel em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas (FBN); Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Professor na Faculdade Boas Novas. E-mail: reyth_ribeiro@hotmail.com

²Mestre em Teologia pela Faculdades EST (Escola Superior de Teologia); Especialista em Magistério do Ensino Superior; Bacharel em Ciências Teológicas e graduando em pedagogia pela Faculdade Boas Novas (FBN); Professor na Faculdade Boas. E-mail: belmiromcjunior@gmail.com

INTRODUÇÃO

Quando abordamos o mito, nos deparamos com uma percepção conclusiva que devemos evitar, a de comparar o mito apenas como parte do imaginário particular de cada povo, sem antes considerá-lo como fonte de conhecimento cultural e parte essencial de sua linguagem e expressão simbólica de sua existência. Precisamos reconhecer o seu valor, bem como saber interpretar suas particularidades, como significado que perpassa a reflexão sobre o sentido da vida e contribui para decifrar o destino de determinado povo, que traduz o mito como revelação para os seus integrantes.

Por isso, neste artigo, propomos uma aproximação entre duas cosmovisões distintas em suas características, contudo, similares em sua forma e essência, pois, partem do mito de origem cosmogônica que revela traços importantes relacionados não somente à origem, mas também ao universo vivencial de cada povo. Desse modo, mencionamos e dispomos em um paralelo, essas duas narrativas míticas que tem como destaque a origem e a ordem do universo, a saber, o relato Judaico-Cristão presente no livro de Gênesis, uma cosmovisão de origem hebraica presente no texto bíblico, e a outra, uma expressão cultural dos povos Tukano do Alto Rio Negro localizados numa região a noroeste do Estado do Amazonas (Cabeça do Cachorro)³.

Esses dois relatos míticos têm muito a dizer acerca de sua realidade de expressão viva, particular e comum de cada um desses povos, pois, mesmo diante do distanciamento que existe entre as duas cosmovisões, existem pontos em comum que este artigo pretende elucidar. Entre as duas perspectivas supracitadas, enquanto uma provém de um texto sagrado entendido como revelado para o povo Judaico-Cristão, o outro relato, tem sua relação com o povo indígena amazônico que nesses últimos anos vem sendo registrados e relidos por outros povos não índios, passando de uma cultura de tradição oral para uma de tradição escrita como fora com a tradição bíblica.

1. O MITO

1.1 O Mito como paradigma

O mito conta uma história sagrada. Sempre envolvendo deuses e heróis divinos ou entes

³Região situada ao extremo norte do Brasil, que faz fronteira com Colômbia e Venezuela, onde habitam diversas etnias, entre elas os Tukano.

sobrenaturais como personagens. Ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. É sempre a narrativa de uma “criação”. Relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado ou do sobrenatural no mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão destas intervenções sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (ELIADE, 1972, p. 9).

O fato é que o mito vai além do pensamento de senso comum, que o apresenta como algo não verdadeiro e indigno de confiança. Eliade (1972) mostra que o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma "história verdadeira", porque sempre se refere a realidades, e o próprio mito cosmogônico é "verdadeiro" porque a existência do mundo aí está para prová-lo.

A veracidade do mito pode ainda ser provada pelo fato de o mesmo referir-se à história da origem de algo que se constitui em paradigma para as ações humanas dentro de respectiva comunidade. Conforme afirma Eliade (1992, p. 9):

Os mitos preservam e transmitem os paradigmas, os modelos exemplares, para todas as atividades responsáveis a que o homem se dedica. Em razão desses modelos paradigmáticos, revelados ao homem em tempos míticos, o Cosmo e a sociedade são regenerados de maneira periódica.

Esta passa a ser, de acordo com a perspectiva do mesmo autor, a principal função do mito, ou seja, “revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria” (ELIADE, 1972, p. 11). Campbell (1990, p. 29), também contribui quando afirma que os mitos

São os sonhos do mundo. São sonhos arquetípicos, e lidam com os magnos problemas humanos. Eu hoje sei quando chego a um desses limiares. O mito me fala a esse respeito, como reagir diante de certas crises de decepção, maravilhamento, fracasso ou sucesso. Os mitos me dizem onde estou.

O mito, então, passa a dar sentido e/ou significado para a vida e existência humana, fundamentando e justificando toda a sua atividade e comportamento, pois para o homem, os modelos para suas ações, reações e comportamentos, foram revelados no começo dos tempos, tendo sua origem a partir dos deuses e/ou entes sobrenaturais.

Essas origens são preservadas e resgatadas no processo de contar, ler e ouvir as narrativas, que se dão principalmente pela repetição dos rituais e cerimônias sagradas que relembram os feitos dos

deuses, heróis divinos e entes sobrenaturais. Assim, o tempo primitivo das origens é revivido por quem participa dos rituais, e assim, fazendo do mito algo mais significativo para o povo. Isso “[...] possibilita as gerações mais jovens à compreensão do tempo primordial e trazem para si como realidades, fazendo viver, na imaginação, os acontecimentos que lhe foram narrados, isso contribui para a formação da identidade do homem como e onde ele vive [...]” (OLIVEIRA e LIMA, 2014, p. 5).

Assim, o mito se torna um paradigma para o homem, na medida em que fornece modelos para sua conduta, conferindo significação e valor à sua existência. Ele abre caminho da grande jornada humana à procura de significações e respostas para a existência, o Universo, a criação, a vida, o destino, entre outros.

1.2 O conceito mitológico indígena

“Toda a sociedade indígena tem uma ideia própria a respeito do Universo” (MELATTI, 1989, p. 133), essas ideias são reveladas pelos mitos, que são conhecimentos, narrativas de uma tradição oral. A veracidade do mito indígena muitas vezes é desrespeitada pelo fato de muitos considerarem tais narrativas apenas descrições deturpadas de fatos que já ocorreram em um tempo muito distante. Muito embora, as narrativas míticas deem ênfase ao passado, esses acontecimentos como acontecidos não deixam de refletir o presente desses povos, Melatti (1989).

Portanto, o conceito mitológico indígena é, em seu todo, permeado de uma linguagem fabulosa, suas narrativas mesmo que sejam recheadas de temas míticos e elementos abstratos, são construídas com imagens concretas. Suas histórias são variadas, pois, revelam as características específicas de cada etnia, em outras palavras, esta especificidade reside na identidade cultural e particular de cada tribo, vejamos a seguir, de acordo com Silva (1994, p. 75) os principais temas característicos desta cosmologia indígena:

Indiferenciação entre humanos e animais, que se relacionam como iguais; céu e terra tão próximos, que quase se tocam; viagens cósmicas, homens que voam, gêmeos primevos, incestos criadores; origens subterrâneas; dilúvios; humanidades subaquáticas; caos, conquistas, transformações.

É importante admitir o vasto universo constituído pelas diversas sociedades étnicas no Brasil, cada uma delas com suas particularidades e genuínas formas elaboradas de seus mitos que articulam a

história, ritos e vida social de seus povos. O tempo, o espaço, o cosmos e a própria pessoa humana são o resultado de todos esses mitos e a forma como são elaborados e transmitidos revelam os atributos da identidade pessoal do grupo.

Há ainda uma intensa relação com outros domínios e esferas paralelas, como a natureza, o mundo dos mortos e os espíritos, que são fatores contribuintes para a formação do cosmos e da vida. Esta cosmologia, segundo Silva (1994), são teorias do mundo, onde o ser humano é apenas um personagem entre muitos outros, onde a linguagem simbólica se manifesta como ponto alto. Nesta interação com outros domínios, os adereços corporais, a música e os gestos fazem parte do contato do indivíduo com essas dimensões cósmicas, todos esses elementos são parte integrante nos rituais.

Em muitas sociedades indígenas, o ritual é o momento mesmo da inserção da humanidade no universo mais amplo; é o lugar mesmo da confluência e da presença concomitante do sobrenatural, da natureza e da humanidade [...] É assim que símbolos, sentimentos, concepções e matérias se encontram e se mesclam no universo do mito e da cosmologia, permeando vida e pensamento, sociedade e natureza, dando sentido à experiência humana no mundo. (SILVA, 1994, p. 76).

Essas são algumas características da mítica indígena, vista a partir de sua cosmovisão, de sua vivência de mundo. Como destaca Benedict (2009), que a cultura é semelhante a uma lente por onde cada um pode ver o mundo, ou neste caso, o seu mundo. Pessoas de culturas diferentes usam lentes diversas, o que traz à tona uma realidade, a distinção de cada visão de mundo. Nisto reconhecemos o valor cultural mítico indígena e suas principais características.

Contudo, é importante salientar que mesmo tendo uma variedade de elementos particulares a cada sociedade indígena, importa, como foi anteriormente citado por Silva (1994), destacar os pontos de encontro e temas comuns compartilhados entre todos estes povos e grupos étnicos.

Diante disso não podemos desconsiderar essas culturas e considerá-las inferiores à nossa cultura ocidental ou a qualquer outra pelo distanciamento entre aquilo que consideramos comum a nós. É claro que tendo como base a nossa cultura a primeira atitude seria desprezar tais culturas e realidades míticas ou organizações cosmológicas diferentes da nossa, e ainda depreciá-las por julgarmos fora dos nossos padrões, isso reflete uma forte tendência etnocêntrica como destaca Laraia:

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. (2001, p. 38).

Contudo, Junqueira (2002), considera que mesmo havendo pequenos distanciamentos entre uma e outra sociedade indígena, elas possuem peculiaridades únicas, além disso, ao compará-las com a nossa sociedade as diferenças entre essas sociedades são bem menores do que a nossa sociedade brasileira, pois, a história do desenvolvimento cultural e mítico indígena foi constituída de modo independente da cultura ocidental, em outras palavras, pode-se dizer que os ocidentais agregaram muito mais elementos sincréticos de outros povos que qualquer outra cultura indígena.

Assim, vale ressaltar que os pontos de vista divergem e divergem principalmente do ponto de partida. Para Boff, “todo ponto de vista é a vista de um ponto” (1998, p.9). Isto quer dizer que:

Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam [...] Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual a sua visão de mundo [...] Para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha. (BOFF, 1998, p. 9).

A cosmologia indígena com seus mitos sobre a origem são meios pelos quais estas sociedades mantêm viva as suas histórias, refletir acerca de cada uma dessas cosmologias não é tarefa fácil, principalmente pela complexidade e variedades de concepções e estilos que cada um desses grupos apresenta e pela perplexidade na diferença das nossas concepções. Assim, cabe a nós olhar com nossos olhos, porém, entender o modo de ver do ‘outro’ e sua visão de mundo e ambiente vivencial.

1.3 O mito no texto de Gênesis⁴

Nos textos bíblicos não há a presença do mito no sentido real da palavra. Pois o mesmo está descaracterizado nas narrativas da Bíblia. Os mitos já existentes na época em que o texto de Gênesis foi escrito, foram incorporados no mesmo, sofrendo adaptações, por causa da teologia israelita, a qual era de fé monoteísta. Conforme Homburg (1981, p. 27), “relatos e motivos míticos não foram adotados por Israel sem sofrer alguma alteração. Eles foram incorporados na fé em Javé⁵, e, com isso, modificados”.

⁴O mito é encontrado apenas neste livro e não em todo o Antigo Testamento, pois para Sellin e Fohrer (2007, p. 125) é preciso distinguir entre a ocorrência do mito nas narrativas; nas profecias escatológicas; e nos salmos. No caso, quando se trata da presença mítica nas narrativas do Antigo Testamento, a ocorrência se dá apenas em um livro da Bíblia, neste caso, no livro de Gênesis do capítulo um ao capítulo onze, onde parte desta narrativa (Gênesis 1.1 – 2.4a) será usada para análise deste artigo.

⁵Javé é o nome dado ao Deus de Israel. Esta pronúncia é uma adaptação para a língua portuguesa, já que o nome é considerado impronunciável. Os judeus pronunciam *Hashem* (significa “o nome” na língua hebraica) ou *Adonay* (significa

As alterações ocorreram por causa do monoteísmo. Homburg (1981, p. 28), Schmidt (1994, p. 64) e ainda Sellin e Fohrer (2007, p. 125) apontam que um autêntico mito pressupõe fundamentalmente dois deuses: um ator e o seu rival, o que não está presente nos textos bíblicos pelo caráter exclusivo da fé de Israel em Javé, sendo ele o único Deus e não possuindo adversários à altura.

Nas narrativas bíblicas, a existência do elemento mítico se limita praticamente à história dos primórdios ou proto-história (Gn 1 – 11). A inspiração dos diferentes relatos presentes nestas passagens vem principalmente da cosmogonia de *Enuma Elish* (RIBEIRO, 2008, p. 67) e da epopeia de *Atrahásis* (HOMBURG, 1981, p. 27; SELLIN e FOHRER, 2007, p. 126). Estas duas obras mostram de forma mitológica a cosmogonia.

Homburg (1981, p. 27) traz uma descrição da epopeia de *Atrahásis*:

A epopeia começa com a criação do homem, sugerida pelos grandes deuses Anu, Enlil e Ea e efetuada pela deusa-mãe, auxiliada por Ea. A civilização iniciou com a edificação de cinco cidades (compare: Gn. 4,17), governadas, antes do dilúvio, por oito reis, segundo a crônica real dos sumérios (compare: Gn. 5). Mas quando a humanidade se multiplicou, o seu barulho importunou o deus Enlil, perturbando o seu sono. Para diminuir o número de homens, os deuses estabeleceram um período de fome que durou seis anos. Mas vendo que esta medida não surtira efeito, enviaram o dilúvio para exterminar esta geração abominável. Mas Ea revelou esta decisão ao seu protegido, o qual construiu um barco, salvando-se nele, ele e sua família. A epopeia relata, portanto, o curso dos acontecimentos desde a criação até o dilúvio na mesma sequência de Gn. 1 – 9.

Pode-se perceber como o próprio autor relata, a semelhança entre esta epopeia e a narrativa presente em Gênesis. A semelhança da história ocorre não apenas na criação, mas também em outros fatos, como o dilúvio descrito em Gênesis nos capítulos 6 ao 8 também é apresentado na epopeia. Como já foi explicada acima, a maior diferença está no politeísmo da epopeia e o monoteísmo bíblico.

Já a cosmogonia retratada no mito babilônico chamado *Enuma Elish*⁶, é a que mais está relacionada com Gn 1.1 – 2.4a (RIBEIRO, 2008). O mito traz como finalidade a exaltação do deus Marduk como deus supremo, superando a trindade original Anu, Enlil e Ea, retratados na epopeia de *Atrahásis*. *Enuma Elish* conta como o deus Marduk, filho de Ea, matou Tiamat a deusa dos mares e Kingu, deus criado por Tiamat e escolhido pela mesma para governar. Após mata-los, Marduk corta

“Senhor” na língua hebraica). Javé também é chamado nos textos bíblicos por outro nome: *Elohim*, o qual é traduzido na maioria das versões em português como “Deus”. *Elohim* também é o nome usado no relato da criação em Gênesis 1.1 – 2.4a, que começa dizendo: “No princípio criou Deus (*Elohim*) os céus e a terra”.

⁶Para conhecer mais sobre este mito, composto provavelmente durante o reinado de Nabucodonosor I (1124 – 1103 a.C) rei da Babilônia, indico o livro: LARA PEINADO, Federico. **Enuma Elish: poema babilônico da criação**. São Paulo: Paulus, 1985.

Tiamat em duas bandas, com uma banda faz o firmamento⁷ nos céus e com a outra banda faz a terra. Ainda instrui a Ea que, do corpo de Kingu, morto, crie os homens para administrarem a terra.

Já dá para perceber até aqui, que apesar de a Bíblia não conter o mito no sentido real da palavra pela descaracterização, pode-se afirmar por esta assimilação mítica que sua linguagem é fundamentalmente mítica ou mitológica. Aqui começa um questionamento, pois já que a Bíblia foi fundada a partir de mitos, perderia ela o seu valor de autoridade? Já que seu texto é entendido no meio judaico-cristão como revelado, por meio de inspiração verbal divina.

Reimer (2007) chama a atenção para o fato, de que apesar de a narrativa da criação na Bíblia ser fundada a partir de mitos já existentes, não significa de modo algum que a verdade das Escrituras seja diminuída. Linguagem mítica é uma forma de comunicação das verdades fundamentais em praticamente todas as religiões. A religião de Israel participa dessa forma de comunicação de suas próprias verdades e reconhecimentos.

Gass (2011, p. 31) traz uma boa explicação de como ocorre a revelação divina nos textos bíblicos:

Aprofundando esta reflexão, podemos dizer que a Bíblia não é a Palavra divina caída prontinha do céu. Deus não se revela de forma mágica, fora da história. Nem dita sua palavra direto a alguém para que a escreva. Sua revelação acontece na experiência da vida, no cotidiano. Nesse sentido podemos dizer que a Bíblia é ‘testemunho’ da revelação, da Palavra de Deus.

E é dessa experiência da vida, da experiência de um povo em determinada época, com sua teologia, interesses, afirmações e crenças que nasce a narrativa da criação nos textos bíblicos. A partir desta compreensão pode-se ter uma pista para a resposta a seguinte pergunta: por que o povo judeu não criou seu próprio mito, mas incorporou e adaptou outros mitos já existentes em seus textos? A resposta a tal pergunta é encontrada, quando se verifica a época em que o texto foi escrito.

Conforme Croatto (2000, p. 15), o mito:

[...] fala de um acontecimento “sucedido” *in illo tempore*, mas o que verdadeiramente faz é “interpretar” sucessos vividos no horizonte da produção do próprio texto, ou seja, da vida de Israel, num momento determinado de sua história. Remontar “as origens” significa buscar o sentido, orientar-se, explorar possibilidades, pôr em jogo a divindade, conectar-se com o absoluto. Cada mito está configurado para “dizer” algo sobre o presente, não sobre o passado. O “passado” do mito é o sentido do “presente” vivido.

⁷O firmamento, também citado em Gênesis (1.6-8), é compreendido como o céu. É como uma abóbada ou uma grande cuia emborcada. Na compreensão antiga, o universo era coberto por águas e o firmamento não permitia que as águas invadissem a terra.

A época em que o texto de Gênesis 1.1 – 2.4a foi produzido, ocorre no tempo do Exílio, quando uma parte do povo judeu foi deportada para a Babilônia. Isto ocorreu entre 587 a 538 a.C. Conforme Reimer (2006), naquele contexto deu-se um confronto cultural e religioso com a religiosidade babilônica, cuja expressão mítica das origens era o *Enuma Elish*. Partes deste mito passam a ser recontadas na perspectiva teológica do povo judeu, com o objetivo de desconstruir o mito babilônico.

A narrativa bíblica passa então a ter outra característica. Sendo um contra mito, ou como Reimer (2006) sugere, uma narrativa “contra cultural”, isto é, um grupo cultural dominado reagiu contra os dominadores, assumindo e modificando partes essenciais da religião dominante. Assim, entre outras desconstruções ocorridas na narrativa bíblica, o criador de todas as coisas é Deus (*Elohim*) e não Marduk, deus honrado no mito babilônico.

2. COSMOVISÕES

2.1 A cosmovisão tukana

A noroeste do Estado do Amazonas, no Alto Rio Negro entre os cerca de vinte e dois grupos étnicos ali estabelecidos naquela região, destaca-se o povo tukano. Representantes das culturas tropicais da América do Sul, os tukanos, vivem da caça e da pesca além da horticultura, são hábeis na construção e manejo de suas embarcações, usam redes para dormir e na arte da cerâmica são habilidosos, Fulop (2009). Estão localizados num território que fica as margens dos rios Tiquiê e Uaupés, Gentil (2005), desde as cataratas de Ipanoré e demais afluentes, tanto no território colombiano quanto no brasileiro, Fulop (2009).

É nesta região que dá-se o início de sua cosmogonia grandiosa e envolvente, grandiosa por sua beleza e envolvente por conta da sua própria mítica. A figura no Anexo 1 dá uma ideia desta cosmovisão.

Esta etnia tem uma cosmovisão própria acerca do surgimento do seu povo, uma perspectiva em conjunto dos cinco níveis do mundo⁸criado inicialmente por Yepá⁹ no primeiro tempo das

⁸Aqui explicamos a sequência deste Mito e da origem das Camadas ou dos cinco níveis do mundo. Conta-se a partir desta sequência, a saber, desde a Casa mais antiga até chegar à origem da Casa do Céu. Contudo, agora, na situação atual, a

antiguidades.

O início de tudo começa com o surgimento do primeiro ser vivente, neste tempo, Yepá, surgiu de um redemoinho que emitia sons no espaço vazio e sem forma. Estes sons e movimentos criaram a primeira mulher, na Casa dos Ventos. Após isso, Yepá, mudou, desceu para outro lugar, para a Casa da Terra, criando alimentos para si: ipadú¹⁰, tabaco e cahpi¹¹. Yepá faz com o tabaco e através de cerimônias, a Terra e suas filhas e com o paricá¹², os trovões e o fogo.

Mais tarde, a pedido de suas filhas, Yepá, casou-se com um dos trovões, seu primeiro marido, Avô do Mundo não pode lhe conceder filhos, não os que ela queria, pois, pretendia criar a luz e a humanidade, contudo, desta relação consegue gerar apenas relâmpagos. Por tal motivo, Yepá se une ao Sol, e esta união da origem a luz, é também nesta união que o mundo começou a se tornar povoado e iluminado, aqui que começa a origem do povo tukano. Esses primeiros tukanos não foram criados por meio do ato sexual e sim a partir de cerimônias, Yepá, para criar a humanidade, comeu ipadú, fumou tabaco e tomou bebidas imortalizadoras, assim nasceram os primeiros tukanos. Também é na Casa da Terra que houve os primeiros conflitos decorrentes das lutas entre o Trovão e o Sol.

Os primeiros tukanos não viviam em casas, viviam nus, comiam raízes, folhas, frutos e comiam comidas cruas pois, não conheciam o fogo. Após isso, na Casa do rio, houve a confusão das línguas por causa do abuso do uso de cahpi. Na Ilha da Gente de Pedra, surge uma nova era, onde, Jurupari, derrotou as mulheres pajés, por ordem do Sol, estabelecendo assim o patriarcado. Ao se rebelarem contra o Sol, os tukanos foram para a Casa da Noite e de lá, dentro da canoa das transformações, a cabra grande, foram sair na cachoeira do Ipanoré até chegarem no rio Uaupés, (GENTIL, 2005; FULOP, 2009).

2.2 A cosmovisão judaico-cristã

A narrativa da criação do povo de Israel foi escrita de acordo com sua cultura e a sua cosmovisão. Claro que não apenas a criação, mas todos os escritos bíblicos produzidos na mesma época são baseados nesta visão do Universo. Vale ressaltar que a cosmovisão do povo judeu, na época

maneira certa de contar é a partir da Casa do Céu, descendo até à Casa do Vento, a explicação para tal mudança está no fato de ter sido alterada pelos seus próprios Criadores.

⁹Yepa, quer dizer, na linguagem dos Criadores, gente terra feminina.

¹⁰Arbusto da família das Eritroxiláceas, da Amazônia, cujas folhas têm as mesmas propriedades da coca, para mascar.

¹¹Uma folha vegetal considerada alucinógena.

¹²*Shizolobium amazonicum* (paricá), madeira da região amazônica.

em que escreveu sua narrativa da criação, é a mesma em todo o Antigo Oriente Próximo (RIBEIRO, 2008). Assim, falar da cosmovisão do povo judeu é falar da cosmovisão das outras nações ao seu redor. A figura no Anexo 2 dá uma ideia desta visão de mundo.

Conforme a figura existe três céus. A morada de Deus fica no terceiro céu. O segundo céu contém as águas superiores, as quais são abarcadas pelo firmamento. O firmamento, também chamado de céus na Bíblia, se assemelha a uma abóbada ou uma cuia emborcada sustentada por colunas, fazendo a contenção das águas superiores, impedindo que caíssem sobre a terra. O firmamento contém pequenas janelas, também traduzidas por comportas, as quais podiam ser abertas (Gn 7.11) ou fechadas (Gn 8.2) por Deus, que controlava a liberação das águas superiores, que desciam em forma de chuva, de modo a deixar cair uma inundação destrutiva (Gn 8.2; Is 24.18) ou as chuvas de fartura (2Rs 7.2, MI 3.10).

No primeiro céu, abaixo do firmamento, encontram-se o sol, a lua e as estrelas. A terra é uma plataforma sustentada por colunas e rodeada de águas, também chamadas de mares. Por baixo e ao redor das colunas, estão as águas inferiores, que na história do dilúvio bíblico, a inundação não vem apenas da chuva, mas também pelo rompimento destas águas inferiores (Gn 7.11). A terra é uma plataforma sustentada por colunas e rodeada de água, ou mares. Nas profundezas da terra está o Xeol, a morada dos mortos, também chamada de Inferno.

A criação em Gênesis 1.1 – 2.4a é narrada nesta perspectiva. No princípio não existe o firmamento. Há apenas uma massa de “águas”¹³, agitadas pelo Espírito de Deus¹⁴, como também o “abismo”¹⁵ rodeado de trevas¹⁶, levando a terra a estar “um caos (sem forma) e vazia (Gn 1.2). Deus então cria a “luz”¹⁷, e a partir deste momento, surge os “céus” e a “terra”, estes, pela separação das águas em duas partes, águas de cima e águas de baixo, e pela fixação, no meio delas, do firmamento, estabelecido como abóbada de contenção das águas superiores, recobrando concovamente a terra, a saída está desde dentro das águas inferiores, depois de escoadas a um canto (Gn 1.6-10).

No quarto dia Deus cria os luminares (sol, lua e estrelas) abaixo do firmamento, com a função de iluminarem a terra durante o dia e a noite e servir de referência para as estações, para os dias e anos (Gn 1.14-18). É importante notar, que o sol, a lua e as estrelas na narrativa bíblica não estão distantes

¹³ *Mayim* no hebraico.

¹⁴ *Ruah Elohim* no hebraico. Ribeiro (2008, p. 68) traduz esta palavra como “Vento Tempestuoso”.

¹⁵ *Tehom* no hebraico.

¹⁶ *Roshek* no hebraico.

¹⁷ *Or* no hebraico

da terra, como é conhecido hoje, mas estão dentro da atmosfera terrestre.

Essa estrutura composta de céus, terra e mares, foi o preparo para toda a criação que os preencheria. Assim, a terra foi preenchida com seres vivos e toda a vegetação, como animais selvagens e domésticos, árvores e plantas; as aves para voarem abaixo do firmamento; e o mar foi preenchido com os animais marinhos, como peixes e baleias e “animais que rastejam” (répteis).

3. APROXIMAÇÕES

3.1 A criação e o vento forte

O texto bíblico, ao informar o estado original da terra, traz a seguinte informação: “E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o **Espírito de Deus** se movia sobre a face das águas”. (Gn 1.2). O termo Espírito no hebraico é *ruah*, que pode significar “vento”, “sopro”, “mente” (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 1407). Assim, esta palavra no texto, também pode ser traduzida como “sopro de Deus”, ou como Ribeiro (2008, p. 68) propõe, “Vento Tempestuoso”.

O fato é que um dos elementos que agem na criação é este “Vento Tempestuoso”, que se “movia” sobre as águas. Isso mostra também, que ele foi um elemento essencial no início da criação, assim como o redemoinho inicial no mito tukano, onde na Casa de Vento “quando não existia nada, no espaço escuro, vazio, triste, sem corpo, sem forma” (GENTIL, 2005, p. 29), veio a existir dentro do redemoinho de vento a primeira vida, Yepá, antes disso, era somente o redemoinho e os sons musicais, sons de vento, que deram a forma do primeiro ser vivente.

3.2 As etapas da criação

A narrativa bíblica, mostra que o mundo e tudo o que nele contém, foi criado em etapas. Deus realiza a criação em seis dias e no sétimo dia descansa. O quadro abaixo mostra este processo:

DIAS SUCESSIVOS DA CRIAÇÃO BÍBLICA	
1º DIA	Aparição da luz (dia e noite);
2º DIA	Céu, atmosfera e mares;
3º DIA	Surgimento dos continentes e aparecimento da

	vegetação;
4º DIA	Aparecem os corpos celestes que alumiam a Terra;
5º DIA	Os animais do mar e as aves;
6º DIA	Os mamíferos e o homem;
7º DIA	Terminada a atividade criadora, Deus descansa.

Quadro 1: Dias sucessivos da criação bíblica, Gênesis 1.1 – 2.4ª.

A divisão destas etapas no texto é informada com a fórmula “foi o primeiro dia”, “foi o segundo dia”... (Gn 1. 5, 8, 13, 19, 23, 31). A teologia discute até hoje se estes dias podem de fato serem considerados dias de 24 horas, pois a tradução não deixa claro. A palavra dia no hebraico é *yom*, que pode significar “dia”, “tempo” ou “ano” (HARRIS; ARCHER; WALTKE, 1998, p. 604). Assim, as seis etapas de criação da terra, podem não ter durado 24 horas cada, mas pode representar uma era geológica cada (ARCHER, 1981 p. 96).

OS CINCO NÍVEIS DO MUNDO TUKANO	
5º CAMADA	Casa de Vento: Nascimento de Yepá;
4º CAMADA	Casa da Terra: Criação da Terra, das filhas de Yepá, trovão e fogo;
3º CAMADA	Casa da Noite e Lago de Leite: Lugar das almas desobedientes.
2º CAMADA	Casa do Trovão: Plantas venenosas, doenças e venenos.
1º CAMADA	Casa do Céu: Poderes para curar doenças e poderes das plantas medicinais.

Quadro 2: Os cinco níveis do mundo na cosmologia tukana, baseado na figura 1.

Apesar desta discussão, se foram em seis dias ou seis eras geológicas, o fato é que a criação no texto bíblico ocorreu em etapas, assim como a narrativa tukana. Na narrativa mítica tukana o mundo existente foi também criado em etapas, não fica evidente os dias desta criação, contudo, o conjunto dos cinco níveis do mundo dão a entender que esta obra criativa e de tudo o que surge após esta criação, se

deu em um processo onde todas estas coisas estão envolvidas, como demonstra no quadro acima.

3.3 Limitações

Nas cosmovisões dos dois povos, percebe-se a limitação científica de ambos. O povo judeu com a compreensão de que a terra era uma plataforma, coberta e protegida por uma abóbada. E sem a compreensão de que a água da chuva é consequência da evaporação, pensavam que acima de tal firmamento já havia águas, que eram liberadas aos poucos ao se abrirem as janelas que ficavam no firmamento.

Também o povo tukano, com a compreensão de que o mundo era formado por cinco camadas ou níveis, e a criação se deu em algumas dessas camadas. Assim como havia no contexto judaico-cristão janelas que quando abertas derramavam chuvas sobre a Terra, assim também, no mito tukano, quando o Sol abria a porta do céu a Terra ficava muito quente enquanto que com portas fechadas o tempo ficava com muitas chuvas, escuro e frio Gentil (2000, p. 159).

Portanto, a limitação pode ser justificada pelo tempo e lugar. De um lado o povo judeu limitado por causa do tempo tão remoto, pois, sua narrativa da criação é criada no século VI a.C., e do outro lado o povo tukano, limitado por causa do isolamento, e assim, sem acesso ao conhecimento. Porém, apesar de tais limitações, seus mitos não foram feitos para serem provados cientificamente, mas para dar sentido ao seu mundo, ao seu modo de viver, são paradigmas que modelam seus conhecimentos sobre o mundo e como o mesmo funciona e é estruturado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Surge aqui uma das relevâncias desta pesquisa. Pois abre o caminho para o diálogo, para a tolerância e para a desconstrução do etnocentrismo. Não há aqui o mito mais “importante” ou único “verdadeiro”. Todos são “importantes”, todos são “verdadeiros” e todos têm suas limitações e assim, são relevantes para suas respectivas culturas.

Os mitos sempre são narrados tendo como referência seu contexto social e cultural de origem. Ou seja, cada mito está inextricavelmente ligado a uma cultura específica e peculiar. Estão configurados para dizer algo sobre o presente da cultura a que pertence. Assim, esta pesquisa deixa claro que mitos como os do relato judaico-cristão e o tukano, podem revelar entre outras coisas, a

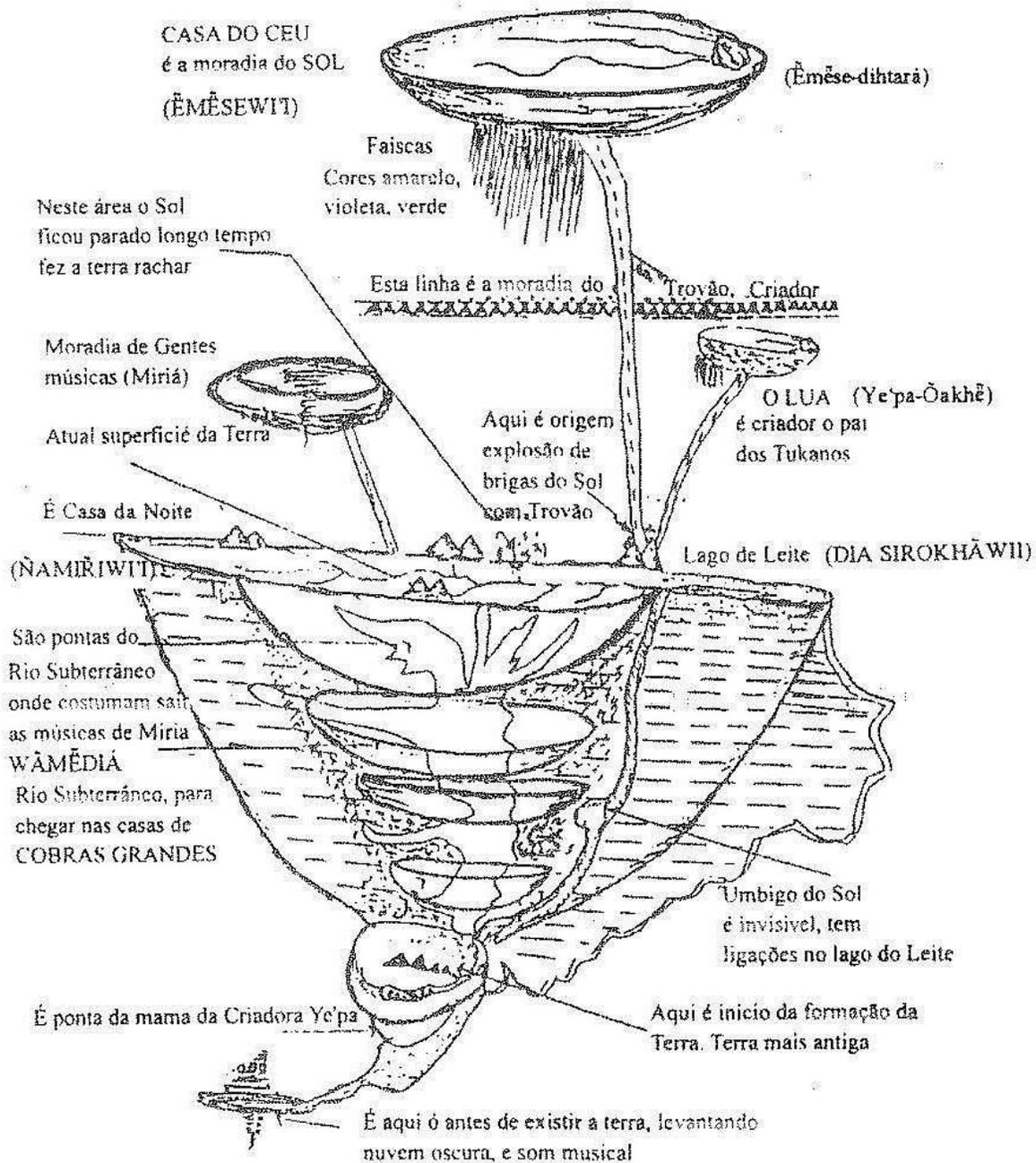
cosmovisão e conhecimentos destas culturas. Só assim, o mito dá sentido à vida e a sociedade organizada de tais povos, pois seus modelos de mundo estão fundamentados nos mitos.

Esta pesquisa abre, assim, espaço para futuras ampliações no seu corpo, ou para outros trabalhos, pois teve como objetivo trabalhar apenas as aproximações a partir da cosmovisão, e no texto bíblico, a pesquisa limitou-se apenas a Gênesis 1.1 – 2.4a, pois a presença mitológica ocorre até o capítulo onze do livro, havendo a possibilidade, por exemplo, de tratar sobre as narrativas da multiplicação das línguas e do dilúvio (inundação), que também são tratados no mito tukano.

ANEXOS

Anexo 1

Figura 1: Cosmovisão tukana (GENTIL, 2000, p. 158).



Anexo 2

Figura 2: Cosmovisão bíblica (GASS, 2011, p. 39).

- ARCHER, JR., Gleason L. **Merece confiança o Antigo Testamento?** São Paulo: Edições Vida Nova, 1991.
- BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada.** 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BOFF, Leonardo. **A Águia e a galinha:** uma metáfora da condição humana. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito.** São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CROATTO, José Severino. **Quem pecou primeiro? – Estudo de Gênesis 3 em perspectiva utópica.** In: Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana – O gênero no cotidiano – n. 37, Petrópolis: Vozes, 2000, p. 15-27.
- ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno: cosmo e história.** São Paulo: Editora Mercuryo, 1992.
- _____. **Mito e realidade.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- _____. **Mitos de origem nos textos sagrados escritos.** In: Diálogo: Revista de Ensino Religioso. Ano XI – n. 43 – Agosto / 2006, p. 12 – 15.
- ESPÍRITO SANTO, Maria Inez do. **Vasos Sagrados:** mitos indígenas brasileiros e o encontro com o feminino. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil.** 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FULOP, Marc. **Aspectos da cultura tukano:** cosmogonia e mitologia. Trad. Casimiro Beksta. Manaus: EDUA, 2009.
- GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia, Primeiro Testamento:** a serviço da leitura libertadora da Bíblia – Volume 1. 2ª ed. São Leopoldo: CEBI, 2011.
- GENTIL, Gabriel dos Santos. **Mito tukano:** quatro tempos da antiguidade, histórias proibidas do começo do mundo e dos primeiros seres. Tomo I. Zurich: 2000.
- _____, Gabriel dos Santos. **Povo tukano:** cultura, história e valores. Manaus: EDUA, 2005.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER, JR., Gleason L; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** Traduzido por Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova. 1998.
- HOMBURG, Klaus. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Leopoldo: Editora Sinodal, 1981.
- JUNQUEIRA, Carmen. **Antropologia indígena:** uma introdução, história dos povos indígenas no Brasil. São Paulo: EDUC, 2002.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil.** 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

- OLIVEIRA, Sebastião Monteiro; LIMA, Antônia Silva de. **O mito na formação de identidade**. Disponível em: <http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/5mito_formacao.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.
- PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. **Narrativas indígenas, literaturas e novas tecnologias**. ARTEFACTUM - Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia, Ano V, Nº 1, 2013.
- RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE / TARGUMIM, 2006.
- REIMER, H. **Gênesis: casa comum: espaço e vida, cuidado e felicidade**. São Leopoldo, RS: Cebi, 2007.
- _____. **Mitos de origem nos textos sagrados escritos**. In: Diálogo: Revista de Ensino Religioso. Ano XI – n. 43 – Agosto / 2006, p. 12 – 15.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. **A cosmogonia de inauguração do templo de Jerusalém – Sitz im Leben de Gn 1, 1-3 como prólogo de Gn 1, 1 – 2, 4a**. Orientador: Isidoro Mazzarolo. – 2008. 346f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.
- SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Trad. Annemarie Höhn. – São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- SELLIN, Ernest; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda, 2007.